

O gaúcho campeiro e o problema da realidade:

Elementos para uma teoria fenomenológica da identidade gaúcha



João Carlos Correia¹
Tiago Costa Martins²

Resumo

A partir de um exercício metodológico de tipo ideal, este artigo tem por objetivo compreender a dinâmica das múltiplas realidades que envolvem o mundo social, especialmente no mundo dos gaúchos campeiros oriundos do interior do Rio Grande do Sul, Brasil. A compreensão da fenomenologia social, através do ensaio de Alfred Schutz sobre a obra de Miguel de Cervantes, *Dom Quixote*, é a base comparativa para entender como o contexto social, as interações em copresença e as interações mediadas são elementos que compõem o processo de construção da realidade. O estudo empírico realizado com os gaúchos do meio rural, especialistas nas atividades pastoris, destaca uma realidade particular e positiva para o entendimento do território, do desenvolvimento e da condição de vida. Os resultados sob o ponto de vista fenomenológico são pertinentes ao se analisar o contexto social e as interações estabelecidas no “âmbito de significado finito” na vida desses agentes sociais.

Palavras-chave: Identidades; realidades-múltiplas; gaúcho campeiro

Resumen

A partir de un ejercicio metodológico de tipo ideal este artículo tiene por objetivo comprender la dinámica de las múltiples realidades que involucran el mundo social, especialmente el mundo de los gauchos camperos oriundos del interior de Rio Grande do Sul, Brasil. La comprensión de la fenomenología social, a través del ensayo de Alfred Schutz sobre la obra de Miguel de Cervantes, *Don Quijote*, es la base comparativa para entender cómo el contexto social, las interacciones en copresencia y las interacciones mediadas son elementos que componen el proceso de construcción de la realidad. El estudio empírico realizado con los gauchos del medio rural, especialistas en las actividades pastoriles, destaca una realidad particular y positiva para el entendimiento del territorio, del desenvolvimiento y de la condición de vida. Los resultados bajo el punto de vista fenomenológico son pertinentes al analizar el contexto social y las interacciones establecidas en el “ámbito de significado finito” en la

¹ Professor do Departamento de Comunicação e Artes da Universidade de Beira Interior, Portugal.
E-mail: jcorreia@ubi.pt

² Doutorando em Desenvolvimento Regional na Universidade de Santa Cruz do Sul. Professor Assistente do Curso de Relações Públicas da Universidade Federal do Pampa. E-mail: tiagomartins@unipampa.edu.br

vida de esos agentes sociales.

Palabras claves: Identities; múltiples realidades; gaúcho campeiro

Abstract

From a methodological exercise of ‘ideal-type’, this article aims to understand the dynamics of multiple realities which involve the social world, specially the world of pampas gauchos coming from the interior of Rio Grande do Sul, Brazil. The comprehension of the social phenomenology, through the essay by Alfred Schutz on the work of Miguel de Cervantes, *Don Quixote*, is the comparative basis to understand how the social context, the co-presence interactions and the mediated interactions are elements that compose the process of reality construction. The empirical study done with gauchos from rural area, experts in pastoral activities, highlights a particular and positive reality to the understanding of the territory, development and life condition. The results under the phenomenological view are relevant when analyzing the social context and the interactions established in the “range of finite meaning” in the lives of these social agents.

Keywords: Identities; Multiple realities; Pampas Gaúcho

As províncias do mundo da vida

Na óptica da fenomenologia social, tal como é entendida pelo fenomenólogo de origem austríaca Alfred Schutz, o mundo da vida, isto é, o mundo do dia a dia e das nossas realizações práticas e cotidianas, compreende diversas sub-regiões designadas províncias de significado finitas no mundo da vida.

O homem na multiplicidade dos seus interesses práticos vive num mundo circundante prático, que supõe uma unidade, como no seu horizonte prático universal. Todavia, pode também transferir-se de um horizonte para outro (HUSSERL apud MORUJÃO, 1961, p 28).

Consequentemente, existe, provavelmente, um infinito número de várias ordens da realidade, cada uma das quais com o seu estilo de existência pessoal e separado. Entre estas contam-se o mundo da vida cotidiana, o universo da ciência, os mundos sobrenaturais propostos pelas diversas religiões, o mundo da loucura, o mundo do sonho, do faz de conta, o mundo do imaginário ideal (SCHUTZ, 1976, p. 135-136).

Tais realidades foram denominadas por Schutz como províncias de significado finito (*finite provinces of meaning*) porque o que as constitui é o significado atribuído à experiência, e não a estrutura ontológica dos objetos (SCHUTZ, 1975a, p.230). Ao preferir a expressão “província de significado

finita”, em vez de “províncias da realidade”, pretendeu-se sublinhar o papel da atribuição de significado na constituição da realidade. A cada uma dessas províncias ou âmbitos de significado finito correspondem determinados modos de relação entre a consciência e o mundo. Assim, haverá várias, provavelmente infinitas ordens de realidade que a qualquer dado momento têm um especial estilo de ser que é característica apenas de si própria. Em cada uma dessas províncias específica surgem formas diversas de espontaneidade (por exemplo, maior no caso do sono e menor na atitude cotidiana e na atitude científica), formas próprias de sociabilidade, formas específicas de se experimentar a si próprio (que podem variar, principalmente, consoante os papéis desempenhados) e perspectivas do tempo específicas (SCHUTZ; LUCKMANN, 1973, P. 27-28). Sob o ponto de vista da utilidade teórica e metodológica, a fenomenologia social descobriu o papel do significado subjetivo e da intencionalidade da consciência na relação com o mundo.

Dom Quixote e a realidade da fantasia

As considerações realizadas por Schutz (1983) sobre a clássica obra literária de Miguel de Cervantes (1547-1616), *Dom Quixote de la Mancha*, expõem, de forma exemplar, o que se entende por realidades múltiplas. No seu artigo intitulado *Dom Quixote e o problema da realidade*, ele compreende o mundo da cavalaria em que habita Dom Quixote como uma província finita de significados, com a sua quantidade de conhecimento próprio, forma de relacionamento com a realidade, dispositivos de controle social e as suas percepções sobre o tempo e o espaço, diferenciando-se assim da vida cotidiana enraizada à luz do senso comum, encarnada pelo fiel escudeiro Sancho Pança (CORREIA, 2002).

Mesmo no universo da fantasia ou até da demência, a atitude sociofenomenológica constitui em abster-se de formular qualquer argumento ontológico, não sustentando de forma alguma o mundo da realidade cotidiana como sendo a verdade contra o mundo da de Quixote (THOMASON, 1982, p. 110). A fantasia do cavaleiro é uma província finita de significado resultante de uma particular relação da consciência com a realidade, no interior da qual é possível encontrar premissas coerentes entre si (SCHUTZ, 1976, p.57-58). Quer o senso comum de Sancho, quer a fantasia de Quixote são processos de construção em que intervêm de forma igualmente válida os significados subjetivos do agente social. Quixote constrói um subuniverso fechado, detalhadamente documentado – e como tal comprovado – nos livros de cavalaria cuja obsessiva leitura o levou a construir um universo de significado dotado de premissas coerentes. Nessa medida, recorre a documentos, monumentos, relatos atualizados e tornados presentes pela tradição. Isto é, recorre a um acervo de conhecimentos adquiridos que são validados pelo significado que atribui a esses conhecimentos, formando um esquema cognitivo para a interpretação subjetiva das suas experiências individuais. O mundo da cavalaria tem o seu universo epistemológico, moral, histórico, o seu sistema econômi-

co e legal. O que o diferencia das restantes províncias de significado é “apenas” o esquema de interpretação prevalecente (SCHUTZ, 1976, p. 135-139). Não há nada, sob ponto de vista da relação com o conhecimento, que distinga a experiência fantasista de Quixote de um praticante de uma crença ou de um membro de um grupo social (como é o caso do gaúcho campeiro) que recorre às suas tradições e memória partilhada, aos diversos documentos que transcrevem e validam essas tradições e conhecimentos e contribuem para atribuir, no âmbito da província de significado finito que é a sua vivência grupal ou a profissão, um determinado significado à sua experiência.

Nada é paradoxal ou contraditório, “cada um desses mundos, enquanto desperta nossa atenção, é real a seu próprio modo, e qualquer que seja a sua relação com nossa mente, se não houver uma relação mais forte com a qual se conflitue, bastará para tornar este objeto real” (SCHUTZ, 1983, p. 192).

As realidades múltiplas e a experiência

Apesar da sua filiação profunda em Husserl e Weber e nos problemas do significado discutidos nos princípios do século XIX e XX na Europa, a imigração de Schutz para os Estados Unidos permitiu-lhe um encontro com o pragmatismo e o interacionismo, através da leitura de William James e, menos sistemática, de Mead. Da tradição weberiana, Schutz transporta consigo a ideia de ação subjetivamente significativa. Da tradição husserliana, retém a intencionalidade e os processos de constituição de sentido, os quais abrem o caminho para a relação entre a comunicação e a construção social da realidade.

Da posterior aproximação à tradição americana pragmatista resulta uma atenção mais vincada à interação, embora nos limites de um certo estilo cognitivo mais europeizado e que mantinha a atenção ao sujeito individual. A intersubjetividade torna-se um elemento central do seu pensamento e da sua vontade de resolver os problemas que a mesma transporta para as ciências sociais. Apesar dessa filiação, a Fenomenologia de Schutz irá acentuar que qualquer forma de comunicação pressupõe um nível de relação pré-existente, da qual procede a comunicação: isto é, há um nível tácito de interação social pressuposta por todas as relações comunicativas. Há um limiar de compromisso mínimo que pré-existe a qualquer processo comunicativo.

A intersubjetividade surge como um pré-requisito para toda a experiência humana imediata no mundo da vida. A intersubjetividade é um dado, um pressuposto. No plano da vida cotidiana e da atitude natural, já é tido como garantido pelo conhecimento do senso comum que o mundo social é um mundo partilhado – idêntico para “mim”, para “ti” e para “todos nós”. O meu “aqui” é o teu “aí” e vice-versa. Todavia, é possível mudar de posições de tal modo que o mundo se mantenha relativamente partilhado. As pessoas agem supondo um mesmo universo existente para si e para todos. A consciência da partilha do mundo social carece de indicações ou signos indicadores (*Anzeichen*) do significado pretendido pelo agente (SCHUTZ, 1967, p. 21). Esses signos indicadores que, no limite, constituem códigos

complexos chamados “linguagem” também não funcionam como etiquetas ou representações que se colocam sobre os objetos do mundo. A linguagem tem a sua origem na experiência, mesmo que constitua um diferimento, uma abstração da experiência. Sem a linguagem não há significado, mas a linguagem tem as suas raízes no próprio mundo da vida, que simultaneamente constitui e torna possível. Para além da complexa relação que possuem com a experiência, a linguagem e a comunicação desempenham um papel estruturante e fundamental na construção da realidade social.

Se a realidade cotidiana se manifesta como presente num momento dado, isso se deve à possibilidade de estabelecimento de uma comunicação contínua de cada um dos atores sociais com todos os restantes envolvidos no mesmo mundo. Segmentos inteiros do mundo social dependem da institucionalização de um vocabulário comum que permite a formação de significados partilhados para que se possa proceder à sua delimitação (BERGER; LUCKMANN, 1973, p. 96). É a comunicação que torna possível a estruturação de contextos de significado objetivos e independentes da experiência subjetiva dos vários agentes sociais.

A comunicação na vida cotidiana é assegurada, em larga medida, pela linguagem: é através desta – enquanto elemento fundamental da socialização – que apreendemos o mundo de forma pré-ordenada, permitindo a experiência de relação com o mundo – e a capacidade própria de interferir no seu ordenamento de sentido. A linguagem estabelece a experiência significativa do “aqui e agora” da realidade cotidiana, mas permite aceder a outras transcendências, outros universos de representação simbólica como a arte, ou ainda outras realidades múltiplas que ultrapassam a vida cotidiana, quais sejam, por exemplo, as experiências filosóficas, científica, religiosa, entre outras.

No ensaio sobre Dom Quixote sublinha-se a forma como o seu universo é produto de uma imersão numa realidade cultural de alguma forma recente: os livros, no caso, livros de cavalaria. Os livros influenciaram a construção da realidade de Quixote. Na verdade, é o surgimento da imprensa e de conteúdos literários que alteram o fenómeno da constituição de sentido e trazem para a vida cotidiana a experiência da interação mediada.

É pois de saber que este fidalgo, nos intervalos que tinha de ócio (que eram os mais do ano), se dava a ler livros de cavalarias, com tanta afeição e gosto, que se esqueceu quase de todo do exercício da caça, e até da administração do seus bens; e a tanto chegou a sua curiosidade e desatino neste ponto, que vendeu muitos trechos de terra de sementeira para comprar livros de cavalarias que ler, com o que juntou em casa quantos pôde apanhar daquele gênero. (CERVANTES, 1978, p. 29)

A imersão no “mundo” dos encantamentos, batalhas, amores, tormentas, desafios permite uma experiência indireta de uma certa província de significado finito, o mundo da cavalaria. O ‘problema’ de Quixote é identificado pela sobrinha, pelo padre e pelo barbeiro como oriundo dos livros: discute-se até a queima de algumas obras – o famoso Amadis - como elementos perniciosos que influenciam negativamente o cavaleiro. É sabido que “à

medida que a leitura dos livros impressos foi se propagando ao longo do século XVI, uma grande quantidade de livros foi sendo impressa nas línguas vernáculas, em vez do latim” (THOMPSON, 1998, p. 60). Assim, para além do que a aventura apresenta, e o que se pode conferir como ‘subuniverso real’, está o início de outra forma de experienciar a realidade através da interação mediada. Esta faz surgir uma complexa reorganização de padrões de interação humana através do espaço e do tempo (THOMPSON, 1998). A presença dos livros na situação de vida de Dom Quixote (re)configura os padrões de interação e amplia sua possibilidade de construir seu mundo social, ou mesmo de participar de diferentes subuniverso, entre os quais se pode identificar a fantasia que o fidalgo desenvolve em torno da cavalaria.

Ao transportar esta abordagem para o domínio da cultura e da produção de bens simbólicos, a construção social da realidade oferece-se como um elemento que não pode ser caracterizado de forma ingênua por concepções ingênuas de recepção passiva. É justamente o caráter intersubjetivo e cultural do mundo da vida que o torna vulnerável ao aparecimento de novas narrativas e de novos horizontes de significado. A consciência de um agente lê o universo de uma forma que implica transitar entre estados particulares da realidade, por meio de diferentes atitudes e estados de consciência, partindo e regressando desde/e para o mundo da vida, o tranquilo mundo das evidências cotidianas, que se torna a âncora dessas transições. Os projetos de ação são distanciamos, desenraizamentos sucessivos que levam o agente a perceber, num universo possível, os processos que implementará em outra realidade.

A recepção de bens simbólicos da mais variada espécie pode abrir a porta a experiências que questionam a realidade diária, funcionando como uma espécie de salto que transporta consigo a possibilidade de abandonar e/ou modificar as premissas em que assenta cada província de significado finito.

Por exemplo, trazendo para a vida cotidiana a “presença” de diferentes contextos sociais e culturais, o contato com bens simbólicos gera elementos de reflexividade que minam hábitos sociais e tipificações. Interferindo nos contextos de socialização (tempo de lazer, hierarquias familiares, papéis associados ao gênero), a construção de identidades e a regulação de papéis de gênero tornam-se mais complexas.

O significado subjetivo

A adoção da questão do significado como elemento central das ciências sociais implica a vinculação a uma atividade cotidiana de construção coletiva dos significados e sentidos sociais que regem as relações entre sujeitos que, reflexivamente, trocam pontos de vista. Metodologicamente, a finalidade capital da atividade científica é a organização coerente de experiências pessoais significativas. A abordagem fenomenológica constitui, pois, fundamento de uma pesquisa qualitativa adaptada às sociológicas compreensivas – etnografia, etnometodologia são alguns dos exemplos – e serve simultaneamente de fundamento crítico para formas de investigação que privilegiem as vozes de grupos dotados de menor visibilidade.

Dessa forma, tal como se irá verificar no caso do gaúcho campeiro, aplica-se uma concepção não essencialista da identidade. Identidade, aqui, surge como resultante de um processo, no qual intervêm significados emanados de representações, crenças, histórias, leituras, transformações, vivências e miscigenações entre as miríades de fatores que contribuem para a sua formação (NEECHI, 2009, 15). A recuperação do mundo da vida e da experiência cotidiana dos agentes constitui uma forma de dar fundamento a concepções de comunicação bidirecional e participativa que visem à inserção dos agentes sociais nos processos de reconhecimento de identidade e de desenvolvimento comunitário, por exemplo. Permite fundamentar as orientações críticas que defendem a comunicação como instrumento de diálogo e interação social baseada nas efetivas experiências cognitivas e emocionais que motivam as condutas dos agentes sociais (CORREIA, 2013, p. 78). Corresponde ao direito dos grupos de poderem contribuir a sua própria imagem (MARTÍMBARBERO, 1997). Finalmente, corresponde a um desejo de impedir a reificação oculta em representações discursivas que negam a fala do próprio grupo representado. É possível assim retomar uma preocupação essencial das identidades e sua representação presente numa concepção fenomenológica e construtivista da reificação, a qual se traduz estrategicamente na tentativa de eliminar a origem histórica, social e humana dos enunciados (regras, convenções, normas, valores), para dar-se a conhecer como existindo desde sempre.

O surgimento de um tipo social

O gaúcho pode ser entendido como o habitante de um espaço delimitado à zona da Campanha, região do Rio Grande do Sul, que, por ser um agente social, se constrói a partir de suas vivências e de sua cultura (GUTFREIND, 2006). A formação social dessa região está diretamente ligada às formas de ocupação e povoamento que se deram através de vários tratados entre Portugal e Espanha e que demonstram essa alternância de dominação: Tordesilhas (1494), Madrid (1750), Pardo (1761) e Santo Idelfonso (1777). Assim, se o século XVI foi marcado por um inicial desinteresse dos portugueses, é no século seguinte que as incursões dos bandeirantes descobrem os “recursos” úteis à atividade econômica desenvolvida no Nordeste brasileiro. O século XVII foi marcado pela única atividade exploratória luso-brasileira de capturar indígenas e gado, culminando com o assolamento das reduções jesuíticas. Esse processo configurou o Rio Grande do Sul como um grande campo de pastagem limitado pelas matas, sendo, por longo período, uma área pastoril (BERNARDES, 1997). Esse processo culmina com a (trans) formação de um segmento social compreendido como “gaúcho”. Sem a preocupação com os limites, esses homens, que administravam o seu tempo de trabalho, eram considerados “vagos” ou “gaudérios”. “Gaúcho”, assim, no que se refere à sociedade do período colonial, compreende ‘peões’, ‘vagos’, ‘gaudérios’ ou qualquer outra denominação que represente o homem da Campanha.” A presença de tais indivíduos contribuiu para essa miscige-

nação e para a designação do termo “gaúcho” (GUTFREIND, 2006, p. 242).

A cobiça da Coroa portuguesa pelos campos de pastagem foi decisiva para o povoamento do território do Rio Grande do sul. A partir dos anos de 1730, foram concedidas as primeiras sesmarias. A doação de sesmarias de terras visava à manutenção do arrebanhamento de gado e, por consequência, o povoamento e ocupação do território. Com a apropriação do modelo jesuíta de propriedade, concatenado com a doação de terras, ocorre uma amplificação das estâncias na Campanha do Rio Grande do Sul (MAESTRI, 2006). Essa dinâmica histórica do território permanece assentada nesse sistema econômico: a atividade agropastoril. Um processo contínuo em que configura a região até a atualidade com um expressivo número de rebanhos dentro do Rio Grande do Sul - 33,91% para bovinos, 52,91% para ovinos e 31,60% para equinos (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2006).

O contexto reflete um padrão econômico e institucional na região e na configuração de um tipo de segmento social específico desse contexto: gaúcho campeiro. Assim, o comportamento e o modo de vida “típico” do contexto rural da Campanha do Rio Grande do Sul permaneceram com uma estrutura constante. Práticas, costumes, comportamentos, objetos, etc, seguiram uma constância, pondo em relação o que representa o arcaico e o moderno, talvez pela parca ação deste último no sistema produtivo configurado até os dias atuais na Campanha.

O gaúcho campeiro e a construção da realidade social no mundo da vida

A fenomenologia da vida cotidiana revela-se extremamente fértil para a compreensão da forma como o gaúcho campeiro constrói a realidade a partir de significados partilhados. Reencontramo-nos perante um contexto de mundo rural em que as experiências no mundo social são sentidas de forma direta. As interações face a face oriundas de um espaço de copresença são elementos pertinentes e, em larga medida, primários, na construção dos significados partilhados.

Na análise do gaúcho surge como baluarte do seu mundo de vida cotidiano o trabalho (lida), o campo e o galpão. Vale dizer, mesmo descontando a ideologia e a ortodoxia do movimento tradicionalista, que constitui uma abordagem essencialista da identidade baseada numa idealização da imagem, não é possível negar ao gaúcho uma certa sabedoria peculiar e inata em relação à vida e aos fenômenos rurais (NECCHI, 2009, p.25). Assim, as relações sociais e de trabalho estão estruturadas a partir dos encontros no tempo-espaço em torno dessa base (MARTINS, 2011). O campo, no sentido prático de espaço com terra e pastagem onde ficam os animais, é o espaço de trabalho. O tempo de trabalho está diretamente ligado a esse espaço e as relações sociais também estão muito centradas nos deslocamentos no campo. “Os encontros são mantidos, em sua maioria, com parentes. Os amigos também são visitados, mas nos dias da semana, em virtude dos

deslocamentos na lida campeira e nos encontros no bolicho, para compra de algum suprimento” (MARTINS, 2011, p.72). O trabalho está contido, historicamente, por uma prática rústica. Essa atividade, que se efetiva no campo, contém elementos arcaicos com o trato e o manuseio de animais.

O galpão é um elemento carregado de significado no contexto de vida do gaúcho campeiro. Na região da Campanha se verifica a peculiaridade da presença das fazendas de criação de animais. De modo geral, na fazenda, há a casa do proprietário e o galpão que, para muitos campeiros, torna-se a ‘sua casa’. É dessa forma que, se na cidade há a casa para trabalhador urbano, no rural existe o galpão para o trabalhador do campo. Assim como Roberto DaMatta (1986) fala em casa no sentido de não se associar somente a um local de dormitório, refeitório ou de proteção contra as intempéries climáticas, mas num conjunto de objetos, relações, valores e construções que os grupos adquirem e preservam, deve-se entender o galpão para o campeiro. No galpão das fazendas está contida “uma dimensão da vida social permeada de valores que constituem uma província de significado finita. Existem coisas que vêm do passado e objetos que estão presentes, pessoas que estão saindo deste mundo e pessoas que a ele estão chegando” (DAMATTA, 1986, p.19).

É neste espaço onde se percebe a maioria das relações sociais na fazenda: entre campeiros; entre campeiros e familiares; e entre campeiros e o proprietário da fazenda (e/ou gerente). E mais: até para o recebimento de algum “estranho” o galpão contém um elemento de aproximação social. Essas experiências de copresença são ampliadas quando ocorrem deslocamentos no espaço vivido. Especialmente quando a ida em espaços de sociabilidade se amplia no campo: visitas à fazenda vizinha; ida ao bolicho para compra de mantimentos; participação em algum rodeio ou baile na comunidade. Além disso, o acesso aos serviços urbanos, como os bancários, hospitalares e comerciais, representa uma dinâmica de interação face a face e, conseqüentemente, de construção da realidade social.

A interação mediada na construção social da realidade

Supor que as experiências da realidade estariam limitadas ao contexto de copresença é uma forma limitada de entender o sentido do mundo social para o gaúcho campeiro. Miguel de Cervantes já denunciava como é possível construir a realidade a partir de dispositivos mediadores: os livros para *Dom Quixote*. Todo o universo da modernidade é constituído pela presença ubíqua de elementos de comunicação mediada que fazem intervir, cada vez mais, componentes de reflexividade nos horizontes do mundo da vida do campeiro, abrindo-lhe janelas para novas províncias de significado finito.

Assim, o gaúcho campeiro não é imune a experiências mediadas da realidade para as quais intervêm as próprias representações discursivas que, através da arte, do cinema, da TV, das mídias em geral e dos Centros de Tradição Gaúcha contribuem para a sua representação identitária. O con-

texto que se estabelece na vida dos gaúchos pressupõe, à semelhança do que sucede em vários processos de ressurgimento da identidade no mundo da globalização, uma ordenação relacional e tensional entre o arcaico e moderno. O arcaico é muito representado pelo parco dinamismo do meio rural que incide, dentre outros, sobre a manutenção da rusticidade da atividade laboral e nas formas de vestir, aparelhos de trabalho e objetos cotidianos (MARTINS, 2013). O moderno surge diante da substituição do artesanato pela tecnologia nas atividades de trabalho, nos recursos auxiliares nas ações cotidianas (máquinas, aparelhos, objetos, etc) e na presença de novas tecnologias da informação e comunicação (TICs). A apropriação dessas TICs alteraram as interações no tempo-espaço, ampliando o entendimento de si, do mundo e das relações (THOMPSON, 1998). Usando a linguagem fenomenológica, pode-se afirmar que a tipicidade do mundo da vida cotidiana e tradicional do gaúcho conhece sobressaltos mais ou menos intensos que lhe permitem refletir, revitalizar a sua experiência ao suscitar contatos com províncias de significado que transcendem o seu mundo da vida, reconfigurando experiências, significados e vivências: o aparelho de celular inserido na indumentária de trabalho, substituindo o rádio na comunicação interpessoal e quebrando o isolamento social; o rádio indispensável na rotina com o seu conteúdo regional e as correlações de pertencimento; e a TV com a transcendência da sua realidade cotidiana (MARTINS, 2013, p. 142).

A apropriação desses dispositivos, na perspectiva de uma interação mediada, reflete um mecanismo de mediação que contribui diretamente para a construção do ‘subuniverso campeiro’. Nesse subuniverso os dispositivos atuam como mediadores das formas de se constituir como sujeito e comunidade e como mediadores das formas de construir, ordenar e interpretar o mundo e seus significados (THOMPSON, 1998). A experiência em copresença e mediada provoca uma “mistura” entre a ciência/crendice, técnica/misticismo, ou entre arcaico/moderno, refletindo a reflexividade e a estranheza que Schutz e Luckmann já admitiam. Nesse sentido, o mundo da vida implica um conhecimento de senso comum dos gaúchos campeiros organizado como uma colcha de retalhos altamente desigual, na qual experiências claras estão mescladas com vagas conjunturas (SCHUTZ, 1983). É nesse contexto que se pode falar em ‘problema da realidade’ na vida de gaúcho campeiro.

O gaúcho campeiro e a realidade como problema

A premissa que orienta a análise do campeiro com a realidade é a mesma pensada para Dom Quixote: o mundo rural é o subuniverso dos campeiros e é sobre este que se confere o valor da realidade. O ‘problema’ da realidade consiste no entendimento do que é desenvolvimento (qual o seu significado para os agentes presentes na realidade social analisada) e de como a região da Campanha está representada para os campeiros. Nesse sentido, o sentido de desenvolvimento é construído socialmente. Se se pretende que um modelo de desenvolvimento seja sustentável, é necessário que os processos

comunicacionais que nele interfiram sejam dialógicos, o que implica aceitação e a compreensão dos significados partilhados pelos agentes envolvidos. Só um modelo de comunicação marcado pelo diálogo pode corresponder aos desejos de um desenvolvimento participado defendido por autores como Amartya Sen (2008, p.18). Segundo os que defendem esse modelo, os atores sociais devem ser encarados não como beneficiários passivos, mas como protagonistas de um processo transformador que se traduza no melhor dia dos indicadores econômicos, sociais e ambientais de um grupo social.

Na proposta do estudo, três distintos espaços rurais e em torno de dez campeiros foram analisados nesse contexto. Sugerir ‘problemas’, e não problema, decorre da ideia de pôr em suspensão qualquer construção apriorística sobre a definição de desenvolvimento. Ou seja, o deslocamento de perspectiva de Schutz (1983) prevê a relativização do conceito a partir da compreensão do mundo social construído pelos indivíduos em análise. Sob outra ótica, a ação social desses agentes deve ser vista como sendo calcada na conexão entre causalidade e valores sociais, nos moldes do pensamento compreensivo de Max Weber (FREUND, 2010).

Assim, se se considerar os outros – aqueles não pertencentes ao meio rural –, como ‘empíricos neopositivistas’, ter-se-ão inúmeras visões – causas e valores –, de desenvolvimento e da região como opostas e contraditórias ao pensamento dos gaúchos campeiros. Isto é, visões que são construídas pelos que “observam de fora” desdenhando o significado atribuído pelos atores sociais ao seu mundo vivido. Um sociologismo não compreensivo poderá cair no risco de valorizar úteis dimensões quantitativas, desvalorizando igualmente componentes culturais e simbólicos.

Exteriores aos processos, os agentes que se distanciam pelo não envolvimento reificam e objetivam a imagem do gaúcho campeiro, negando a sua historicidade e singularidade. Essa forma de olhar é típica de concepções de desenvolvimento quantitativo. Vale dizer, indicadores econômicos como PIB, renda per capita, índice de Gini, etc, demonstram quantitativamente a ideia de desenvolvimento e a visão da região como “pobre”, “subdesenvolvida”, “estagnada”, etc. No entanto, o subuniverso de vida, articulado com elementos de copresença e elementos mediados, faz com que o gaúcho considere seu espaço desenvolvido, rico, sem pobreza. Para eles, ‘quem produz bastante é desenvolvido’ e isso está na base do seu subuniverso rural. A noção de desenvolvimento é diretamente associada à atividade realizada e ao espaço habitado.

O sentido de desenvolvimento está inserido no ambiente rural da produção agropecuária. O vínculo com a categoria “espaço” também é evidente. Por exemplo, quanto maior o espaço, maiores as condições de engordar os animais e, consequentemente, maior produtividade de carne. (MARTINS, 2011, p. 60)

Isso resulta da cognição do termo desenvolvimento estar direcionado para a produtividade. Se o tempo e o espaço são vividos e utilizados na busca de uma maior produtividade, então a Campanha do Rio Grande do Sul é considerada desenvolvida pelos gaúchos campeiros. Mas a cau-

sa dessa diferenciada construção da realidade não está somente sobre a base material, e em grande medida objetiva, da existência. Novamente é preciso recorrer à influência de Weber na fenomenologia para entender que é “a interpretação fundamentada na relação com os valores que lhe confere uma significação, por se colocarem em evidência ao mesmo tempo os motivos e o fim de uma atividade” (FREUND, 2010, p. 45). Entender o desenvolvimento como produtividade e a região como desenvolvida passa obrigatoriamente pela relação desses indivíduos com o espaço e com as interações. O valor que subjaz é o de pertencimento ao território. Construído pelo trabalho (base material), pelas interações no cotidiano e pelas interações mediadas que reafirmam os sentimentos de orgulho, reflexividade positiva sobre o que se faz e o que se é (MARTINS, 2011).

Para os gaúchos campeiros, o espaço da Campanha se torna um território de orgulho e pertencimento porque eles entendem que fazem parte e dão sustentação a essa condição. Ou seja, se a região se “sustenta”, muito se deve ao desempenho desses atores sociais. Além disso, essa situação é dinamizada pela mídia e novamente a relação do conteúdo midiático com o campeiro é central para essa reflexividade do pertencimento deste indivíduo em relação ao território. Se eu estou “refletido” na mídia, com orgulho por pertencer a um território, como poderia pensá-lo como não desenvolvido se eu faço parte dessa história, desse orgulho? Essa indagação é sugerida na medida em que se relaciona o espaço, a cultura do gaúcho e o conteúdo midiático que ele assimila e reflete. (MARTINS, 2011, p. 84)

Em termos fenomenológicos está presente a noção de “mundo da vida” e de pertença e a “evidente” noção de desenvolvido. Porém, o “olhar” de outro grupo ao ignorar a história e significados partilhados dos observados funciona de modo estranho e mesmo ineficaz em termos de compreensão da realidade. Essa diferença de olhar está no âmbito dos significados finitos da comunidade dos gaúchos campeiros. Como sugere Correia (2002, p. 15), mencionando o pensamento de Schutz,

[...] o facto de as comunidades (ou seja, os grupos sociais e culturais Assim, é possível inferir que a relação com o espaço, os mecanismos de interação social, ora em copresença enquanto comunidade, ora por dispositivos midiáticos, produz aquilo que Correia (2002) associa à consciência da contingência de cada mundo da vida. Ou seja, a existência das múltiplas realidades e, conseqüentemente, visão relativamente natural do mundo, própria de cada comunidade.

À guisa da conclusão

Como sugere Schutz (1983), na leitura da realidade construída por Dom Quixote, existem variações cuidadosamente elaboradas para compreender e experimentar a realidade. Essas variações são construídas através de dife-

rentes elementos que ultrapassam a objetividade e a materialidade da vida. Dom Quixote apresenta o contexto de vida, as interações em copresença e as interações mediadas. A partir disso, confere sentido para objetos, pessoas e palavras. Se para o mundo da cavalaria de Dom Quixote havia o meio rural, as interações com as pessoas e objetos e a leitura dos livros, para o gaúcho campeiro também existem elementos pertinentes à constituição do seu mundo: meio rural; interação com pessoas e objetos; e uma amplificada interação mediada por meios das tecnologias da comunicação e informação.

Na vida do gaúcho campeiro esses argumentos misturam-se na base material da vida e nas relações cognoscíveis. Ou seja, dentro da própria atividade laboral, do sistema de que ela faz parte e, também, dentro do que pode ser conhecido e experimentado nos processos de interação. A realidade do desenvolvimento para o campeiro sugeriu um viés econômico (produtividade) e sociológico (pertencimento), oriundos de um universo específico. O gaúcho campeiro é um exemplo de que é preciso ampliar a compreensão dos diferentes universos construídos pelos atores sociais, pois só conhecendo as diversas perspectivas de realidade será possível reduzir os paradoxos e contradições constitutivos do mundo.

Bibliografia

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petropolis: Vozes, 1973. 247p.

BERNARDES, Nilo. *Bases geográficas do povoamento do Rio Grande do Sul*. Ijuí: Editora da Unijuí, 1997. 135p.

BOSSLE, João Batista Alves. *Dicionário gaúcho brasileiro*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2003. 541p.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. 375p.

CAPALBO, Creusa. *Metodologia das ciências sociais: a fenomenologia de Alfred Schutz*. Rio de Janeiro: Antares, 1979. 102p.

CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote de la Mancha*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. 609p.

CORREIA, João Carlos. *A teoria da comunicação de Alfred Schutz*. Lisboa: Livros Horizonte, 2005. 157 p.

DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986. 126p.

FREUND, Julien. *Sociologia de Max Weber*. Rio de Janeiro: Forense Uni-

versitária, 2010. 208p.

GUTFREIND, Ieda. O gaúcho e sua cultura. In: BOEIRA, Nélon; GOLIN, Tau (coord.). *História Geral do Rio Grande do Sul*. Vol. 01. Passo Fundo: Méritos, 2006. 241-254p.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. *Sistema IBGE de Recuperação Automática: SIDRA*, 2006. Disponível em <http://www.sidra.ibge.gov.br/>

MAESTRI, Mário. *Uma breve história do Rio Grande do Sul: da pré-história aos dias atuais*. Vol. 01. Passo Fundo: UPF Editora, 2006. 157p.

MARTINS, Tiago Costa. *Vida de gaúcho campeiro: cultural regional, mídia e desenvolvimento*. Jundiaí: Paco Editorial, 2011. 124p.

_____. *Vida de gaúcho campeiro: apontamentos a partir da cultura regional, mídia e desenvolvimento*. Revista Fronteiras – estudos midiáticos, V. 15, nº2, p. 138-147, maio/agosto 2013.

MORUJÃO, Alexandre. *Mundo e intencionalidade*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1961, 235 pp.

NECCHI, Vitor. Dissonância no pampa - a construção identitária do gaúcho no filme Anhay de las Misiones. IN: Felippi, Ângela; Necchi, Vítor (Orgs). *Mídia e Identidade Gaúcha*. EDUNISC, Santa Cruz do Sul, 2009, 260 p.

SCHUTZ, Alfred. *The Phenomenology of social world*, Evanston, IL, Northwestern: University Press, 1967. 255 p.

_____. *Collected papers, the problem of social reality*, Vol. I, The Hague, Martinus Nijoff, 1975a, 420 p.

_____. *Collected papers, studies in social theory*, Vol. II, The Hague, Martinus Nijoff, 1976, 315 p.

_____. *Collected papers, studies in phenomenological philosophy*, Vol. III, The Hague, Martinus Nijoff, 1975b, 232 p.

_____. Dom Quixote e o problema da realidade. In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*. 2 Ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1983. 191-213p.

SCHUTZ, Alfred & Luckmann, Thomas. *The structures of the life-world*, Volume 1, Evanston, IL: Northwestern University Press, 1973, 335 p.

THOMASON, Burke. *Making sense of reification*, Londres, McMillan-

Press, 1982, 235 p.

THOMPSON, John B. *Critical hermeneutics, a study in the thought of Paul Ricouer and Jürgen Habermas*. Cambridge: University Press, 1995. 286 p.

_____. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1998. 261p.